



Técnicas Construtivas Indígenas: Na Região do Baixo São Francisco

Indigenous Construction Techniques in the Lower São Francisco Region

Sofia de Oliveira Machado

Resumo: Os povos indígenas do Nordeste foram os primeiros a se relacionarem com o colonizador no Brasil. Esse contato ocasionou um genocídio tanto humano quanto cultural. As populações que sobreviveram se submeteram involuntariamente aos costumes impostos pela sociedade “neobrasileira”, que gerou o estigma do “índio misturado” relativo aos que habitam a região nordestina, o que retirou estas comunidades do foco de pesquisas e ações políticas. Devido a isso, existe uma escassez de documentos que registrem os seus costumes de modo específico, principalmente relativo às suas técnicas construtivas. Com base em uma revisão bibliográfica e em estudos de caso das aldeias Fulkaxó, Kariri-Xocó e Fulni-ô, foi possível caracterizar as construções indígenas presentes na região e relacioná-las aos troncos linguísticos Macro-jê e Tupi. Mesmo diante de um cenário no qual predominam construções coloniais, identificaram-se técnicas construtivas vernáculas existentes e seus materiais presentes na região de estudo.

Palavras-chave: povos indígenas; arquitetura vernacular; nordeste brasileiro; Rio São Francisco.

Abstract: The indigenous people from northeast Brazil established the first relationship with the country's colonizers. This contact has resulted in a human and cultural genocide. The new Brazilian society subjected the survivors to its customs, leading to the emergence of the concept of “mixed indigenous” for the indigenous people living in northeastern Brazil. Therefore, there is a lack of documents that record their cultural aspects, particularly in relation to construction techniques. Through historical research and case studies of the villages Fulkaxó, Kariri-Xocó and Fulni-ô, were identified characteristics and lineages related to the linguistic families Macro-Jê and Tupi. As a result, vernacular construction typologies were cataloged in the region.

Keywords: indigenous people; vernacular architecture; brazilian northeast; São Francisco river.

INTRODUÇÃO

A ancestralidade indígena brasileira é um patrimônio imensurável o qual abrange tanto aspectos materiais e imateriais (Krenak; Campos, 2021). Antes do genocídio provocado pelo processo de colonização havia em torno de 2 a 4 milhões de povos indígenas distribuídos em todo o território brasileiro, evidenciando que todo o Brasil em sua essência é terra indígena (Azevedo, 2021).

Entretanto, no imaginário coletivo, o qual é permeado de estereótipos equivocados, o indígena é associado a florestas como a Amazônia, que possui um maior número de reservas e delimitações de áreas indígenas (SIG/ISA; IBGE, 2022).

Por outro lado, de acordo com o censo demográfico do IBGE (2010), a população indígena presente no Nordeste representa a segunda maior do país, a qual são fonte de conhecimentos de manejo, técnicas construtivas e plantas medicinais essenciais para uma coexistência saudável com o meio ambiente (Associação Caatinga, 2017).

Todavia, os povos indígenas nordestinos ainda sofrem com as consequências provocadas pelo branco colonizador. Além de escravizar, os colonizadores impuseram a sua cultura e em busca de sobrevivência essas comunidades “mesclavam-se” involuntariamente (Oliveira, 2004). Diante disso, surge o estigma dos “Índios Misturados”, referindo-se a aqueles dos aldeamentos. Este atributo negativo “desqualifica e os opõe aos índios puros do passado idealizados e apresentados como antepassados míticos” (Dantas, 1992, p. 451, *apud* Oliveira, 2004).

A partir disso, os indígenas do nordeste perdem relevância no cenário nacional, logo que não eram caracterizados como objeto de ação política (Oliveira, 2004). Devido à presença desta lacuna, o presente trabalho busca compreender e catalogar as técnicas construtivas indígenas originárias e contemporâneas presentes no baixo São Francisco.

OBJETIVOS

O objetivo geral do presente trabalho buscar compreender e catalogar as técnicas construtivas indígenas presentes no baixo São Francisco.

Objetivos Específicos

- Identificar as origens históricas que influenciaram a arquitetura atual indígena
- Caracterizar o local no qual o objeto de estudo está inserido
- Visitar Aldeias presente na região de estudo
- Equiparar as informações obtidas por meio da revisão bibliográfica com a visita de campo
- Catalogar as características obtidas referentes as técnicas compreendidas

METODOLOGIA

O trabalho iniciou-se a partir de uma caracterização do local. Para isso, foi realizado uma coleta de dados a qual foi sobreposta em uma base com delimitações municipais do IBGE em conjunto com uma visita de campo e revisão bibliográfica. Em seguida, realizou-se uma pesquisa histórica por meio de discursos datados, estimativas arqueológicas e bibliografias. Por fim, a partir da lógica apresentada pelo autor Gunter Weimer (2018) em seu livro “Arquitetura indígena: sua evolução desde suas origens asiáticas, traçou-se semelhanças das técnicas construtivas catalogas com as obtidas por meio de estudo de caso e visitas de campo.

DESENVOLVIMENTO

O Baixo São Francisco é uma região fisiográfica que se inicia no local de divisa entre os estados de Alagoas, Bahia e Sergipe. Estendendo-se também até o estado de Pernambuco e finaliza na foz da bacia hidrográfica ao chegar ao oceano atlântico de acordo com o mapa 01 em anexo.

A caatinga e a Mata Atlântica são os biomas que contemplam essa região (IBGE, 2004). O primeiro é caracterizado pelo seu clima semiárido, vegetação hipoxerófila caducifólia de baixo a médio porte e pelo seu solo raso com fragmentos rochosos (Ribeiro, 2007, *apud* Soares *et al.*, 2019). De modo contrastante, o segundo bioma é caracterizado por uma floresta úmida, com árvores encorpadas e solo sem a presença de afloramentos rochosos (Santos, 2009). Ambos foram e ainda estão sendo prejudicados pelo avanço do desmatamento provocado pelo agronegócio. De acordo com o Comitê da bacia do São Francisco (2015) restam apenas 2,4 % de matas e /ou floresta no baixo São Francisco.

Para adquirir uma percepção precisa deste cenário, foi realizada uma visita de campo na qual foram percorridos 188 km, desde Aracaju, onde originalmente havia mata atlântica, até Canindé do São Francisco, onde predomina a caatinga.

**Figura 1 - Município Ita-
baiana.**



**Figura 2 - Município de
Laranjeiras.**



**Figura 3 - Olaria no muni-
cípio Nossa Senhora da
Glória**



**Figura 4 - Município Nossa
senhora da glória.**



**Figura 5 - Município Ca-
nindé do São Francisco.**



**Figura 6 - Margens Rio
São Francisco.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao fazer esse trajeto, foi possível notar a diferença da vegetação e o aumento da seca no interior do estado, como é possível observar na sequência de imagens acima. Nos primeiros Municípios foi notado que mesmo em meio a muita pastagem, havia uma maior presença de vegetação com árvores frondosas. Aproximando-se

da caatinga, foi observado a presença de árvores caducifólias, o aumento da seca, inclusive nas pastagens e a maior presença de um solo rochoso. No entanto, ao se aproximar do rio São Francisco, notou-se uma outra característica: vegetação arbustiva em abundância.

Compreender a composição e morfologia desses biomas é essencial, uma vez que os indígenas possuem uma conexão intrínseca com o meio-ambiente. Em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” o ativista Ailton Krenak (2019) destaca que além de servir como fonte de alimento e matéria prima, a natureza é considerada como um ser vivo o qual interage com esses povos, elemento essencial para as práticas religiosas e culturais.

No cenário atual, existem catalogados 16 etnias indígenas presentes no Baixo São Francisco (ANAI, 2023), onde apenas 5 possuem seus territórios legalizados. A presença dos indígenas nessa região remonta a 8.950 +- 70 anos antes do presente, na estimativa arqueológica (Fagundes, 2010 *apud* Schuster; Garcia; Almeida, 2020) quando já interagiam entre si e formavam sociedades (Souza, 1587 *apud* Schuster; Garcia; Almeida, 2020). As margens da bacia do São Francisco era um local propício para o assentamento humano, logo tornou-se ponto atrativo para muitos povos indígenas (Hohenthal, 1960). O pesquisador Hohenthal (1960), catalogou a presença de 43 aldeamentos presente no baixo e médio São Francisco a partir de relatos que datam desde o século XVI até o XX e destaca que havia uma diversidade linguística anterior ao colonizador, o que demonstra a riqueza étnica presente na região.

Pela foz do rio São Francisco adentraram os primeiros colonizadores no Brasil, interrompendo o processo de constituição dessas comunidades por meio da escravidão e da imposição de suas próprias culturas (Cunha, 2008). Todavia, avanço do colonizador no Nordeste foi diferente do que ocorreu no restante do país. O arqueólogo Darcy Ribeiro (1985) ressalta que “[...] não se tratava de simples andanças para prear índios, como as bandeiras que cobriam áreas muito superiores, mas da ocupação efetiva da terra.” A partir disso, a expansão pastoril provocou a descaracterização da fauna e flora regional o que comprometeu a vida dos indígenas, os que foram contrários a invasão foram atacados e escravizados e os “pacíficos” estavam em área cercadas por currais e submetidos ao processo de aculturação e marginalização (Ribeiro, 1985).

São poucos os relatos documentados que se referem a habitação vernacular dessas comunidades nesta região. De todo modo, por meio de uma revisão bibliográfica, foram encontrados três relatos de figuras públicas no século XIX que descrevem um pouco sobre essas habitações. Em 27 de março de 1859 o “Presidente Galvão”, na época presidente da província de Alagoas, descreveu a cidade de Aracaju com a presença de “casa de palha contíguas umas às outras”, destacou a presença de habitações indígenas onde não havia cômodos. Além disso, a malha urbana era isenta de limites como cercados e chácaras (Mott 1986). Em outro relato publicado pelos Correios em 27 de junho de 1855, ressalta a presença de casas de palha na capital aracajuana: “Ao amanhecer do dia 25 do corrente foi achada a parede da pequena casinhola coberta de palha em que atualmente reside

nesta Cidade o Sr. José Teixeira da Cunha, rico negociante de Laranjeiras” (Santos 2009).

Além disso, é necessário considerar os troncos linguísticos presentes nesta região. O baixo São Francisco foi constituído pela interação dos grupos Macro-jê, Tupi, e por comunidades “isoladas”, como é possível ver na figura 07. O autor Gunter Weimer (2018), traçou a evolução arquitetônicas dessas comunidades de modo a se aproximar das suas características originárias.

Figura 7 - Troncos linguísticos presentes no baixo São Francisco



Fonte: Iphan, 2017.

De acordo com Weimer (2018), os povos Macro-jê ocupavam principalmente a região do interior, cercados por comunidades tupis. Suas aldeias são caracterizadas pela presença de uma praça central, delimitada por duas a três dezenas de habitações coletivas. As malocas se organizam de modo circular ou linear, em ambos os desenhos as aberturas das construções são direcionadas ao rio. A palha a madeira e o cipó são os principais materiais de construção, com destaque para a taquara (bambu). Para a construção da habitação é fincado um pilar no centro, no qual são fixados caibros os quais são vergados até o chão, após esse processo são instaladas as ripas as quais recebem a cobertura de palha (figura 08). Essas construções não possuem janelas, as aberturas são realizadas na cobertura para entrada de luz a saída do ar quente.

Figura 8 - Etapas da construção de uma casa Xavante pertencente ao grupo Macro-jê.



Fonte: Maria Carolina Young Rodrigues.

O autor também caracteriza os Tupi localizados na faixa litorânea. Esses povos tiveram o primeiro contato com o europeu e ao mesmo tempo que foram altamente documentados, sofreram com ataques que desestruturaram sua cultura, restando poucas fontes materiais dos seus costumes. De todo modo, o traçado das aldeias (a taba) é predominantemente ortogonal, a praça central possui um formato quadrado delimitado pelas malocas.

Essa morfologia também se refletia nas habitações, as quais possuem um formato retangular. A casa tipo tupi é constituída por uma fileira central de postes com 3,5 a 6 m de altura na qual é fixada a cumieira, enquanto nas laterais são dispostos pilares com dimensões próximas ao do habitante por onde passam os caibros vergados até o chão. Além da tipologia descrita acima, há outras varrições como a ivi'o, a iura e o tapiri, (figura 9) nessas construções a cobertura não chega até o solo, permitindo a passagem entre os pilares laterais, a principal diferença entre estas é a dimensão e a disposição da cobertura, que pode ser composta por duas águas planas ou por meio de vigas vergadas.

Figura 9 - Casas tipo tupi ivi'o , a iura e o tapiri, da esquerda para direita.



Fonte: Gunter Weimer, 2018

Os elementos apresentados acima representam características gerais das construções indígenas no baixo São Francisco. Devido a interação entre esses povos, Tupi e Macro-Jê, como também a absorção de técnicas africanas e advindas dos colonizadores, surgiram exemplares construtivos singulares nesta região. Portanto, construções específicas presentes nas aldeias Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó serão descritas a seguir.

A aldeia Fulni-ô possui seu território regularizado e está localizada no município de Águas Belas em Pernambuco, ao norte do baixo São Francisco (Dfáz, 2018). Essa comunidade possui características similares aos outros povos indígenas presentes no Nordeste, como a organização política por meio das figuras do pajé e cacique. Além disso, há o ritual do Ouricuri, momento em que a aldeia se isola em uma região ancestral para a realização de práticas sagradas. Esse movimento auxiliou na manutenção dos seus costumes, inclusive a língua Yatê. (Shoroder, 2012).

Essa comunidade está inserida no tronco linguístico Macro-jê. No entanto, diferente do que foi descrito acima, a habitação originária Fulni-ô possui particularidades logo que, é caracterizada por um formato prismático com uma base triangular (figura 10). Entretanto, em 1930 suas construções já apresentavam influências externas como é possível observar na figura 11 (Weimer, 2018).

Figura 10 - Maloca tradicional Matias no Vale do Javari.

Fonte: Isaac Amorim Filho, 1985.

No cenário atual, as casas dos indígenas Fulni-ô pouco se diferenciam de uma construção típica do sertão nordestino. Observa-se a presença de paredes em taipa de sopapo derivadas da interação desses povos com os africanos e telhado em duas águas. A evolução dessas construções caminha no sentido contrário das tradições indígenas, logo que a maior parte das casas é unifamiliar, executada em alvenaria, com telhado cerâmico e as aberturas para ventilação e iluminação não são mais executadas na cobertura, substituídas por janelas tradicionais (Weimer, 2018).

Figura 11 - Abrigo construído pela comunidade indígenas Fulni-ô.

Fonte: Instagram aldeia Fulni-ô, 2023.

A aldeia indígena Kariri-Xocó está localizada no município de Porto Real do Colégio na divisa entre os estados de Sergipe e Alagoas. Compartilham de organização social e rituais similares aos dos outros povos indígenas do Nordeste, pois observa-se a presença a do pajé e cacique e a prática do Ouricuri sagrado. Todavia entende-se que cada etnia possui sua singularidade, em 1989 os Kariri-

Xocó iniciaram um processo de ressuscitação cultural e ao contrário do que muitos autores afirmam, essa comunidade possui uma língua própria chamada Dzubukuá Kipeá pertencente à família Kariri do tronco Macro-jê (Kariri-Xocó *et al.*, 2020).

Em visita ao local, próximo à entrada constatou-se a presença de uma capela (figura 12), porém esta não é utilizada para práticas de cultos cristãos. O principal uso desse ambiente consiste em celebrações culturais para o fortalecimento da identidade indígena, realizados na área externa.

Figura 12 - Igreja aldeia Kariri-Xocó.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi possível registrar o momento no qual estava ocorrendo o “Desfile cultural de menina indígena” na área frontal da igreja. A juventude Kariri-Xocó, montou um abrigo com palhas em formato cônico, similar as habitações tradicionais Macro-jê, os próprios ramos da folhagem possuíam função estrutural os quais eram vergados até o solo. Dessa estrutura saíam os jovens para desfilarem sobre uma esteira de palha cercada por elementos vegetais e vasos cerâmicos (figura 12).

Figura 12 - Desfile cultural Menina indígena.



Fonte: Arquivo pessoal.

A aldeia é contemplada por uma escola pública, com ensino até o quinto ano, e uma unidade básica de saúde. Ambas as edificações foram construídas em blocos de alvenaria e telhado cerâmico. As salas de aula possuem um traçado ortogonal e no centro destas há uma estrutura hexagonal onde encontram-se a sala dos professores, cozinha e espaço de recreação coberto. De modo a demonstrar o conhecimento tradicional as crianças, havia uma simulação de uma oca no pátio externo. Esta era constituída por uma coluna central com aproximadamente três metros de altura e a partir desta instalaram os caibros que eram suportados por pilares distribuídos em uma circunferência de aproximadamente quatro metros de diâmetro, o fechamento lateral e da cobertura foram executados com palha (figura 13).

Figura 13 - Demonstração de uma oca na escola Kariri-Xocó.



Fonte: Arquivo pessoal.

Afastado em torno de dois quilômetros do início da aldeia, encontra-se o centro cultural Sabuká, local de conexão com a natureza, prática de festividade, rituais e onde também são recebidos visitantes para vivências. O centro cultural é formado por cinco edificações, distribuídas de modo similar ao formato circular de uma aldeia Macro-jê (figura 14). Apenas uma dessas construções foi executada em taipa de pau-a-pique o restante é constituído por paredes de alvenaria em reboco bruto e telhado cerâmico.

Figura 14 - Visão aérea do centro cultural Sabuká.



Fonte: Centro Cultural Sabuká.

Mesmo diante de muitas influências externas, ao analisar a figura 15 é possível notar uma abertura na cobertura com desenho similar aos das ocas indígenas bora-vitoto presentes na planície da Amazônia (Weimer, 2018).

Figura 15 - Habitação Kariri-Xocó com abertura na cobertura.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em relato concebido pelo pajé Pawanã Cordy, ressaltou-se que as casa originárias dos Kariri-Xocó, possuíam esse formato e eram chamadas de “testa de bode”, devido a sobressalência da cobertura (figura 16). Além deste exemplo, o formato de “Xalé”, equivalente a casa tradicional Fulni-ô, também foi citado.

Figura 16 - Oca Kamayurá.

Fonte: Luis O de Faria e Silva.

A construção vernacular de habitações indígenas na comunidade Kariri-Xocó tornou-se um processo de difícil acesso. Em meio a desertificação da caatinga e com a cidade ilhando a aldeia, conseguir material para executar casas tradicionais consiste em uma tarefa dispendiosa. Os blocos e telhas cerâmicos são produzidos em escala industrial na região, o que torna estes elementos viáveis a execução de obras. Desta maneira, a maior parte das casas construídas utilizam destes materiais e seguem a setorização unifamiliar (figura 17).

Figura 17 - Casa em alvenaria aldeia Kariri-Xocó.

Fonte: arquivo pessoal.

Os Fulkaxós iniciaram a reivindicação do seu território em 2006 (FPI/SE, 2022), este processo não está finalizado falta-lhes conseguir a compra da terra, responsabilidade da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). A origem desta etnia ocorreu a partir da união de três descendências, a Fulni-ô, a Kariri e a Xocó, ao unir a primeiras sílabas gera-se o nome Fulkaxó. Antes de adentrarem nessa contestação por um local para habitar, esse povo compartilhava os espaços

com os Kariri-Xocó. Diante das diferenças, tanto nos rituais como de convívio diário, decidiram estabelecer-se no outro lado do rio São Francisco, no município de Pacatuba em Sergipe.

Ao visitar a aldeia, foi constatou-se dois tipos de construções, uma voltada para a habitação e realizar serviços diários e outra para promover a interação na comunidade, vivências e rituais. A primeira segue o padrão presente nas duas aldeias descritas neste estudo, com paredes em alvenaria e telhado cerâmico (figura 18). Ainda, os demais abrigos apresentavam formatos similares as técnicas Macro-jê e Tupi.

Figura 18 - Área de serviço habitação Fulkaxó.



Fonte: Arquivo pessoal.

Inicialmente os visitantes foram recebidos em uma oca de formato circular. A disposição dos seus elementos recorda a descrição de Weimer (2018) de uma habitação Macro-Jê, presente também na escola Kariri-Xocó, onde havia um pilar central com caibros organizados de forma circular. Apesar desta similaridade, fato de não haver fechamento nas laterais, aproxima essa tipologia das construções tupi.

A seguir o grupo foi guiado em direção aos locais de vivência e rituais. O primeiro era destinado principalmente para práticas sagrada e a sua construção foi realizada com o auxílio de doações. O formato deste consistia em um hexágono alongado, no centro deste localiza-se o espaço para a fogueira onde havia uma abertura para a saída da fumaça no telhado constituído por telhas de fibrocimento de quatro águas (figura 19)

Figura 19 - Área interna oca Fulkaxó.

Fonte: Arquivo Pessoal.

As vedações laterais foram executadas com blocos cerâmicos até um peitoril de aproximadamente 1,50 m de altura no qual foram desenhados símbolos da natureza mesclados com artes cristãs, demonstrando um forte sincretismo (figura 20). Além disso, piso foi executado em terra batida, para promover a conexão com o meio ambiente durante os cultos. Ademais, para a promover a filtragem dos raios solares, instalaram esteiras de palhas acima do peitoril em bloco.

Figura 20 - Gravuras presentes na oca da aldeia Fulkaxó.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Utilizadas como acomodação para pessoas de fora da aldeia e espaço de socialização, havia outrasocas construídas inteiramente com matérias naturais. Com um formato predominantemente retangular e laterais livres de vedações, estas construções assemelham-se as casas tipo Tupi presentes na figura 09

Para a sustentação da cobertura, percebeu-se o uso de um modelo estrutural semelhante a uma tesoura, cuja mesma possui dois tirantes e um pilar central (figura 21). A madeira do angico e o bambu são os principais materiais utilizados nessas construções juntamente com a palha e proporcionam um maior conforto térmico

comparado ao das outras edificações que utilizam de elementos industrializados.

Figura 21 - Estrutura da cobertura na oca Fulkaxó.

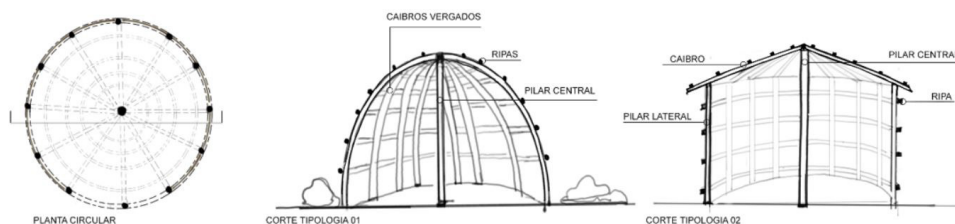


Fonte: Arquivo pessoal.

RESULTADOS

A partir da pesquisa de campo em conjunto com a revisão bibliográfica foi possível elencar características vernaculares que estavam presentes antes da chegada dos colonizadores e que de modo menos marcante ainda se encontram nas tradições materiais e imateriais das aldeias pesquisadas, neste estudo, no Baixo São Francisco.

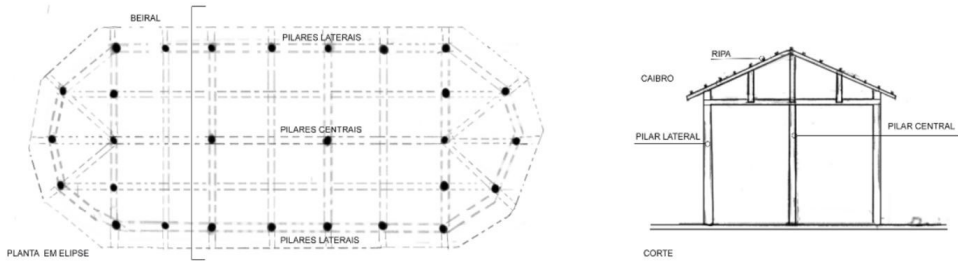
Figura 22 - Croqui esquemático tipologia circular.



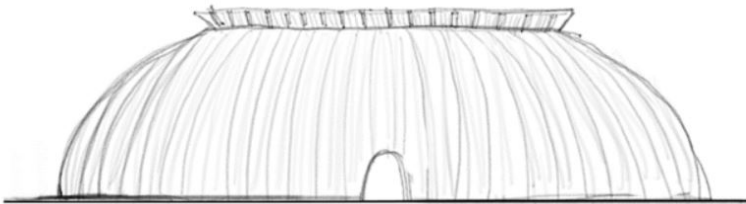
Fonte: Ilustração autoral.

A princípio destaca-se os abrigos com planta circular e pilar central. Neste formato foram encontrados dois modos de se realizar a cobertura, com as estruturas vergadas até o solo e um segundo caso onde a cobertura é erguida por pilares laterais. Em ambos os exemplos a vedação é em palha (figura 22)

Presente também nas análises, há a planta em elipse com fileiras de pilares na parte central e nas laterais (figura 23). Essa morfologia exigiu uma estruturação da cobertura distinta, com uma viga passando pelos pilares e tirantes intermediários

Figura 23 - Croqui esquemático tipologia elipse.**Fonte: Ilustração autoral.**

Em relação aos métodos tradicionais de ventilação e iluminação, há uma disparidade relativa as esquadrias contemporâneas. Logo que, por meio do desenvolvimento da pesquisa notou-se há uma ausência de janelas nas laterais das construções, constando apenas um acesso ao espaço protegido (figura 24)

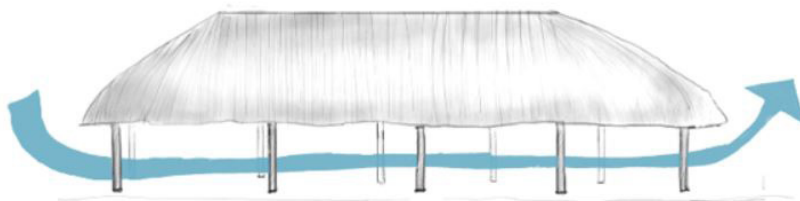
Figura 24 - Croqui esquemático em vista acesso.**Fonte: Ilustração autoral.**

Além disso, percebe-se que as aberturas se localizam em suma na cobertura permitindo troca de ar pela convecção, como também captação da luz. Na figura 25 está exemplificada essa característica percebida nas aldeias:

Figura 25 - Croqui esquemático em corte ventilação cobertura.**Fonte: Ilustração autoral.**

De outro modo, a ventilação também é notada nas malocas em casos que a cobertura é erguida e as faces laterais são completamente livres de vedação possibilitando a ventilação cruzada (figura 26).

Figura 26 - Corqui esquemática ventilação cruzada.



Fonte: Ilustração autoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta pesquisa foi possível compreender que mesmo diante de um contexto o qual mitigou a cultura indígena esses povos conseguiram manter alguns aspectos culturais. Isso se concretiza na presença de práticas construtivas vernaculares nas aldeias. Notou-se que na região de estudo destacaram-se as seguintes tipologias: a casa tipo Macro-Jê com caibros vergados e planta circular, uma variação desta é a oca presente nas aldeias Kariri-Xocó e Fulkaxó, que possui o mesmo formato circular, porém sem os caibros vergados, a casa “testa de bode” com a abertura para a ventilação na cobertura, a oca em formato retangular Tupi presente na aldeia Fulkaxó.

Todavia, a influência externa nas construções indígenas abrange quase todas as edificações presentes nas aldeias. Poucas são as diferenças das residências indígenas e uma habitação sertaneja no baixo São Francisco. Logo que, os povos originários foram impedidos de dar continuidade no desenvolvimento de seus sistemas construtivos o que possuem um potencial inovador. Finalizar que isso foi apenas um início que ainda há muito o que se descobrir.

REFERÊNCIAS

- ANA. **Divisão fisiográfica da bacia do rio São Francisco**. [S. l.: s. n.], 2003. Mapa contendo as delimitações fisiográficas da bacia do rio São Francisco. Disponível em: <https://www.ana.gov.br>. Acesso em: 14 jun. 2023
- ASSOCIAÇÃO CAATINGA. **Bioma Caatinga**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.acaatinga.org.br/sobre-acaatinga/>. Acesso em: 26 mar. 2023
- AZEVEDO, Marta. **Quantos eram? Quantos serão?** Povos Indígenas do Brasil, [S. l.] 25 jan. 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_eram%3F_Quantos_ser%C3%A3o%3F. Acesso em: 23 abr. 2023.

CBHSF. Plano de recurso hídricos da bacia hidrográfica do rio São Francisco. **Comitê da bacia Hidrográfica do rio São Francisco**, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://cbhsaofrancisco.org.br/plano-de-recursos-hidricos-da-bacia-hidrografica-do-rio-sao-francisco/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CUNHA, Leonardo. **Toré na aldeia para a cidade: Música e territorialidade indígena na grande Salvador**. 2008. 265 f. Dissertação (Pós-Graduação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9106/1/Dissertacao%2520Leonardo%2520da%2520Cunha%2520seg.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023

DÍAZ, Jorge Hernández. Fulni-ô. **Instituto Socioambiental**, [S. l.] 10 ago. 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Fulni-%C3%B4>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FPI/SE (Sergipe). FPI Sergipe visita aldeia indígena Fulkaxó e identifica demanda por infraestrutura e atendimento de saúde. **Fiscalização preventiva integrada de Sergipe**, Sergipe, 23 ago. 2022. Disponível em: <https://www.mpse.mp.br/fpi/index.php/2022/08/24/fpi-sergipe-visita-aldeia-indigena-fulkaxo-e-identifica-demanda-por-infraestrutura-e-atendimento-de-saude/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

IBGE. **Mapa biomas do Brasil**. [S. l.: s. n.], 2004. Mapa contendo a delimitação dos biomas brasileiros. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/estudos_ambientais/biomas/mapas/biomas_5000mil.pdf. Acesso em: 14 jun. 2023.

IBGE. O Brasil indígena. **IBGE**, [s. l.], 2010. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf. Acesso em: 30 jun. 2023.

HOHENTHAL, W. D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. **Revista do Museu Paulista**, [s. l.], 1960. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Ahoenthal-1960-tribos/Hoenthal_1960_TribosMedioBaixoSFranco.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

KARIRI-XOCÓ, Idiane; KARIRI-XOCÓ, Nhenety; NELSON, Diane; PITMAN, Thea. **A Retomada Da Língua Kariri-Xocó**. Cadernos de Linguística, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 1-13, 29 dez. 2020. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos>. Acesso em: 27 jun. 2023.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de Origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: EDITORA SCHWARCZ S.A., 2019. 57 p.

MOTT, Luiz RB. **Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade**. Governo de Sergipe, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1986.

OLIVEIRA, João Pacheco. **A viagem da volta: Etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena**. [S. l.: s. n.], 2004.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. São Paulo: Editora Vozes, 1985. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/livros/os-indios-e-civilizacao-integracao-das-populacoes-indigenas-no-brasil-moderno-2a-ed>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SANTOS, André Luiz Conceição. **Diagnósticos dos fragmentos de mata atlântica de Sergipe através de sensoriamento remoto**. 2009. 74 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2009. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4287>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SCHUSTER, Adriana Jussara; GARCIA, Lorena Gomes; ALMEIDA, Fernando Ozorio. **Da pré-história para a História indígena: No Baixo São Francisco arqueologia do período de contato dentro do contexto Kariri**. Habitus, Goiânia, p. 179-206, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/OneDrive/00.BELAS%20ARTES/09_10.%20%20%C3%9ALTIMO%20ANO%20TFG/00-%20tfG/02-ATIVIDADE%2002/nordeste%20ind%C3%ADgena/seer,+Habitus+Artigo_7873.pdf. Acesso em: 27 maio 2023.

SIG/ISA; IBGE. **Localização e extensão das TIS**. [S. l.: s. n.], 2022. Mapa terras indígenas. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Localiza%C3%A7%C3%A3o_e_extens%C3%A3o_das_TIs. Acesso em: 23 abr. 2023.

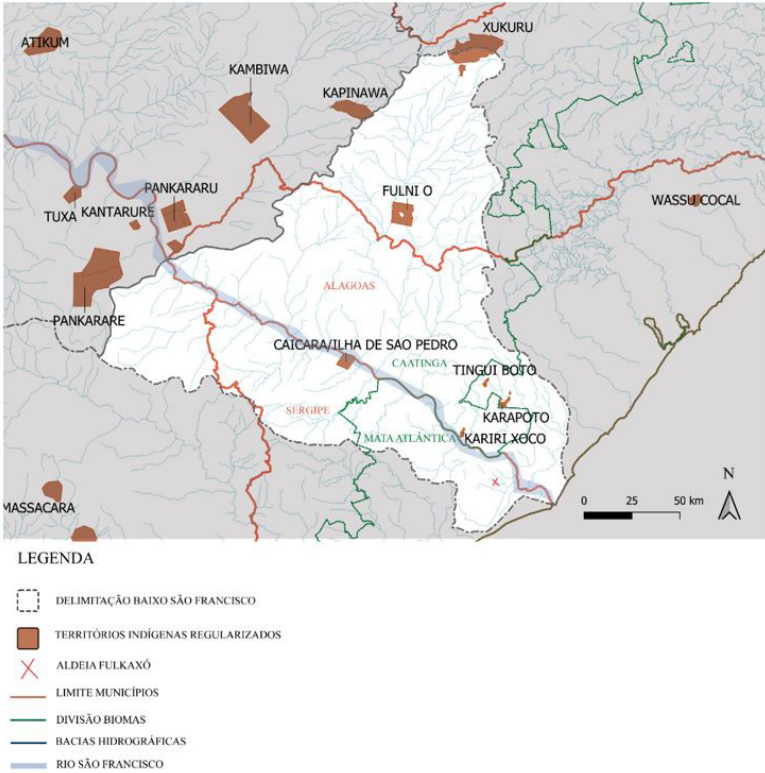
SOARES, Natalie da Mota; FERREIRA, Robério Anastácio; VIEIRA, Higor dos Santos; JESUS, Janisson Batista; OLIVEIRA, Diogo Gallo; SILVA, Ana Cecília da Cruz. **Regeneração natural em área de Caatinga no Baixo São Francisco sergipano: composição, diversidade, similaridade florística de espécies florestais**. Advances in Forestry Science, Porto Alegre, p. 712-716, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/afor/article/view/7563>. Acesso em: 15 jun. 20

SHORODER, Peter. **Os Fulni-ô**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Indígena: Sua Evolução Desde Suas Origens Asiáticas**. 1. ed. [S. l.: s. n.], 2018.

ANEXO 01

Mapa 1 - Delimitação do baixo São Francisco e identificação das comunidades indígenas que habitam esse local.



Fonte: IBGE 2022, ANA 2003, ANAI 2023.